

Alguns desafios colocados para a pesquisa qualitativa na contemporaneidade

SONIA REGINA VARGAS MANSANO*

Resumo

A complexidade da vida em sociedade está longe de ser apreendida por pesquisas de tipo quantitativo. Apesar de ter sua importância científica inquestionável, coube às ciências humanas a tarefa de inventar outras estratégias de investigação por meio das quais fosse possível problematizar a vida cotidiana para além dos dados estatísticos (ainda que, por vezes, os tome como ponto de partida). Assim, o presente estudo busca expor algumas especificidades trazidas pela pesquisa qualitativa que agregam valor à produção de conhecimento sobre a vida social. Partindo da complexidade veiculada a este tipo de metodologia, destacaremos aqui a noção de “problematização” tal qual compreendida por Gilles Deleuze em sua obra “Diferença e repetição”. Nela, o autor ensina que o ato de pensar acontece pela violência que pode advir dos encontros com a diferença e que colocam em suspenso as convicções e verdades cristalizadas sobre os modos de viver.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa; problematização; sujeito

Some challenges for qualitative research in contemporary

Abstract

The complexity of life in society is far from being seized by quantitative research. Despite his unquestionable scientific importance, it was left to the Humanities the task of inventing other research strategies whereby we could problematizing everyday life beyond the statistical data (even if sometimes take as a starting point). Thus, the present study seeks to expose some specifics brought by qualitative research that add value to the production of knowledge about social life. Assuming the complexity of this methodology, highlight here the notion of "problematization" as understood by Gilles Deleuze in his work "Difference and repetition". In it, the author teaches that the act of thinking happens by the violence that can result from encounters with the difference and who put on hold the convictions and candied truths about the modes of living.

Key words: qualitative research; problematization; subject



* **SONIA REGINA VARGAS MANSANO** é Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade estadual de Londrina. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP.



Problematizando a Pesquisa Qualitativa

Afinal, para que servem as pesquisas qualitativas em Ciências Humanas e, mais especificamente, em Psicologia? Que tipo de conhecimento é possível construir sobre a existência, uma vez que esta é mutante e, portanto, irreduzível à definição de uma verdade? Em quais concepções sobre o humano tais pesquisas apoiam-se para questionar os acontecimentos que advêm, por vezes ao acaso, transformando o cotidiano e as relações sociais? Tomar estas questões em consideração quando se pretende compreender os desafios colocados para a pesquisa qualitativa, requer, logo de saída, o abandono de formas cristalizadas de saber e de pesquisar. Isso porque, na perspectiva que adotaremos no decorrer deste estudo, os saberes são historicamente construídos e contextualizados ao grupo

social que lhe deu contornos e legitimidade. Tais saberes levam-nos a considerar que as explicações mais categóricas e rígidas, atribuídas aos acontecimentos sociais, podem ser levadas ao seu limite e ganhar contornos de obsolescência ou, em outras palavras, podem perder os sentidos que lhes foram atribuídos quando retiradas das circunstâncias que lhe davam legitimidade. Isso é inevitável, uma vez que a existência é movimento e, enquanto tal, as tentativas de compreendê-la necessariamente implicarão um jogo irreduzível de perguntas e respostas.

Assim, distante das generalizações e das verdades instituídas, a problematização está mais preocupada com a criação, multiplicação e variação das perguntas do que propriamente com a fixação em respostas categóricas. Mas, como estas problematizações ganham contornos?

Deleuze (1987) considera que o sujeito problematiza o que acontece ao seu redor quando coagido, forçado e na presença daquilo que, afetando seu corpo de maneira intensa, exige que novas sensibilidades sejam nele acionadas, fomentando a elaboração de questões e ensaios de respostas que são gerados pelos incômodos vividos no contato com a diferença. É possível considerar, então, que os problemas colocados em pauta em uma pesquisa qualitativa, ao invés de serem resolvidos, incomodam e insistem na multiplicação e mutação das questões. Daí a tarefa colocada para esse tipo de investigação: acompanhar o movimento como um método em movimento, atenta a composição provisória dos dados e investigando sua funcionalidade naquela circunstância específica.

Entretanto, cabe salientar que as questões não são exclusividades do campo das pesquisas científicas. Elas também se fazem presentes no cotidiano, em ações simples como a mera decisão sobre quais alimentos comporão uma refeição ou sobre o trajeto ser seguido para chegar a um destino. Analisando esse emaranhado de questões que nos assolam diariamente, Orlandi considera a existência como um “nomádico hábitat do questionar” (ORLANDI, 2006, p. 2), assinalando que “o questionar ocorre em toda parte e em qualquer tempo, desde que haja cintilação de diferenciações” (Idem). Novamente, deparamo-nos aqui com a questão das diferenças e seus movimentos. Mas, o que seriam essas diferenciações? Poderíamos compreendê-las como aquilo sobre o que ainda não sabemos, uma vez que sofremos apenas os efeitos de variação que elas produzem nos corpos, no tecido social, nos saberes e nos encontros. É nesse sentido que as diferenciações são da ordem do

complexo e só podem ser apreendidas na parcialidade, pelos efeitos que produzem e pelos signos que emitem.

Outro ponto a ser considerado é que, independentemente da vontade consciente daquele que questiona, os problemas são praticamente impostos de fora, pelos encontros e pelo acaso. Assim, insiste Orlandi:

Estou querendo redizer que o questionar está imerso nas relações entre as coisas, estou querendo redizer que a potência de cada modo existencial é inseparável dos sinais de questionamento que ela emite em função de suas variações. Estou redizendo que há dimensões objetivas, ontológicas do próprio questionar, e antes que este seja assumido como iniciativa do sujeito pensante (ORLANDI, 2006, p. 2).

Nota-se que a decisão por questionar não parte exclusivamente de um sujeito decidido por fazê-lo, que se vale de uma ação intencional e racionalmente dirigida a um problema já delineado. Para Deleuze, as questões são impostas pelos acontecimentos e encontros que provocam incômodos e evidenciam um não saber. Esta espécie de provocação, que coloca ênfase no desconhecido, inviabiliza o possível sossego frequentemente depositado em certezas e generalizações que atravessam o social.

As diferentes áreas de saber também são afetadas por esses incômodos e dão contornos às suas pesquisas à medida que se ocupam da produção de questões sobre o que se passa em cada problema apreciado. Tem-se, assim, que as pesquisas movem-se em um campo problemático que mantém entre os elementos analisados relações complexas, díspares e mutáveis. Foucault chega a considerar que “para que um domínio de ação (...) entre no

campo do pensamento é preciso que um certo número de fatores tenham-no tornado incerto, tenham-no feito perder sua familiaridade, ou tenham suscitado em torno dele um certo número de dificuldades” (FOUCAULT, 2004, p.232). Pode-se dizer, então, que a pesquisa ganha contornos naquilo que incomoda, naquilo sobre o que pouco se sabe e que, por isso mesmo, que pode levar o pesquisador a lugares e conexões imprevisíveis. Obviamente, esta não é a única maneira de fazer pesquisas qualitativas. Mas, uma vez que nos aproximemos dela, uma certa concepção de sujeito há de ser considerada.

Uma concepção de sujeito

Dedicando-se ao estudo sobre o empirismo, proposto por David Hume, Deleuze extrai uma concepção de sujeito como aquele que “se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo” (DELEUZE, 2001, p. 93). Nesta concepção, não há uma natureza humana a ser simplesmente conhecida, controlada, reposta ou esquadrinhada. Assim, “por si mesmos, o organismo e os sentidos não têm imediatamente as qualidades próprias de uma natureza humana ou de um sujeito; eles deverão recebê-las alhures” (Idem, p. 98). E como isso acontece? Deleuze assinala que o sujeito se constitui na relação com os mais variados dados advindos dos encontros que são experimentados no decorrer de sua trajetória de vida. Assim, os dados implicam tudo aquilo que se encontra nesse complexo experienciar de encontros, em meio ao qual o sujeito vai se constituindo.

No contato com os dados, o sujeito “estabelece relações entre ideias” (Idem, p. 110). Mas, para estes autores, as ideias não são portadoras de significação. Sob esta perspectiva de

análise, “... as relações são exteriores às idéias. E se elas são exteriores, é delas que decorre o problema do sujeito, tal como é levantado no empirismo: é preciso saber, com efeito, de quais outras causas elas dependem, isto é, como se constitui o sujeito na coleção de idéias”, uma vez que estas “são exteriores aos seus termos” (Idem, p. 110-11). Ora, se as ideias são exteriores a seus termos, quem produz as relações entre elas e lhes atribui sentidos é o próprio sujeito nas conexões com a pluralidade de dados que lhe chega das mais diferentes fontes, com intensidades variadas e em distintos momentos da sua existência.

Estamos diante de uma concepção de sujeito que abarca uma incessante produção de si nas experiências. E como isso funciona? Ao invocarmos a noção de subjetividade para compreender as pesquisas qualitativas, ela aparece como uma produção, uma prática que se mantém em aberto. Deleuze considera: “E, olhando bem, isso é tão-só uma outra maneira de dizer: o sujeito se constitui no dado. Se o sujeito se constitui no dado, somente há, com efeito, sujeito prático” (Idem, p. 118). Acompanhar a produção de si nas relações ou, em outras palavras, acompanhar a incessante produção de subjetividades, consiste em acolher a diferença (e aquilo sobre o que pouco se sabe, visto estar em franca produção) como constituinte irreduzível nesses processos. Afinal, como assinala Deleuze: “Cada sujeito exprime o mundo de um certo ponto de vista” que é variável em cada momento histórico. E “o ponto de vista é a própria diferença”. Assim, “cada sujeito exprime, pois, um mundo absolutamente diferente e, sem dúvida, o mundo expresso não existe fora do sujeito que o exprime” (DELEUZE, 1987, p. 43).

Se acolhermos esta concepção de sujeito como uma produção incessante de si em meio às “cintilações de diferenciação”, tal qual dito anteriormente com Orlandi, as pesquisas qualitativas ganham consistência ao percorrer a heterogeneidade de componentes que são assumidos, expressos e criados no contato do sujeito com o mundo e nas variações que esses encontros precipitam. O que caracteriza essa produção é o fato de que ela mantém-se distante das noções de equilíbrio, constância, generalização e identidade, categorias estas por demais cristalizadas para acompanhar as sutilezas de uma produção que não se esgota no visível ou representável, mas que se mantém próxima do movimento e do acaso. Sua tarefa consiste em investigar como se dá a composição provisória dos dados e qual sua funcionalidade naquela situação específica que está sendo investigada. Assim, estamos diante da heteroprodução de si e do outro que acontece necessariamente no limite daquilo que pode ser problematizado, apreendido e conhecido entre os múltiplos dados que compõem a experiência. Pode-se dizer que é precisamente esta tarefa, de levar adiante os questionamentos sobre um determinado problema investigado, que está posta hoje para as pesquisas qualitativas, independentemente do campo em que ela estiver sendo efetuada.

Violência e pensamento

Nesse ponto, consideramos que as pesquisas qualitativas nos colocam ao mesmo tempo uma oportunidade e uma série de desafios. No que se refere à oportunidade, pode-se dizer que, abandonando as exigências da neutralidade e a busca por uma verdade aplicável e generalizável, esta estratégia

de investigação permite acompanhar a própria produção de subjetividades e dos modos de viver que circulam em um dado tempo histórico. Assim, esse tipo de pesquisa encarna necessariamente um “aprendizado” (DELEUZE, 1997, p. 4). Em sua obra “Proust e os signos”, Deleuze assinala que esse aprendizado “diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objetos de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitsem signos a serem decifrados, interpretados” (Idem). Nesse aprendizado, o contato direto com os dados torna-se primordial, uma vez que, conforme pontua Deleuze, “alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença (...). Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos” (Idem).

Como os signos funcionam? À medida que o contato com a diferença impõe questões incômodas que não admitem respostas rápidas, prontas ou absolutas. Para Deleuze, “há sempre violência em um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz” (Idem, p. 16). Em função desse roubo é que, em alguns momentos, as problematizações abrem espaço para a manifestação da impotência no pesquisador que pode, inclusive, ficar privado de ideias no decorrer de suas investigações. Vale questionar, então: quais os encargos assumidos pelas pesquisas que buscam definir fundamentos sólidos em uma organização social que insiste na mudança?

Talvez um desses encargos seja, precisamente, a vontade de acalmar a expectativa socialmente compartilhada de que um “bom” pesquisador deve produzir verdades que seriam passíveis

de generalizações, das quais derivariam as regras de previsibilidade e controle ou as técnicas aplicativas. Mas, será que a Psicologia e, em especial a Psicologia Social, pode deixar-se levar pelas expectativas dessas certezas apaziguadoras? Se acolhermos as considerações de Deleuze sobre a aprendizagem colocada em curso no contato com os signos/dados, veremos que a “decepção é um momento fundamental da busca ou do aprendizado: em cada campo de signos ficamos decepcionados quando o objeto não nos revela o segredo que esperávamos” (Idem, p. 34). É essa ausência de confirmação e de certeza que coloca em movimento (mas também em repouso) as pesquisas de tipo qualitativo. Sua condição de possibilidade está em elaborar e fazer circular questões do tipo: Como? Quando? Onde? Por quê? Do que é feito? Quem participa? Quando acontece? Quais efeitos produzem? Nota-se que estas são questões que se ocupam da emergência e manifestação do vivido no contato com o outro, ou seja, elas buscam acompanhar a incessante produção das experiências, incluindo aí o experimentar do próprio pesquisador. Nesse sentido, Kastrup chega a considerar que “não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa” (Kastrup, 2010, p. 33).

Tal produção acontece quando questões são espalhadas pelo campo social que está sendo investigado e, ao serem enunciadas e percorridas, cooperam para delinear diferentes saberes sobre o vivido, atribuindo-lhe qualidades. Mas, estas qualidades e análises não se prestam à estagnação. Isso acontece uma vez que as respostas, sempre parciais, tendem a fugir, desaparecer e se transformar no decorrer das investigações. Desta maneira, nenhum

conhecimento mais instituído é capaz de interromper o fluxo da pesquisa e impor uma ordem. Nota-se, então, que os campos problemáticos percorridos nas pesquisas qualitativas são móveis e transitórios, tendo seus resultados descritos na parcialidade e no limite da produção dos saberes.

Assim, as problematizações explicitam a difícil tarefa de não apenas romper com as expectativas idealizadas de consolidação da verdade, por vezes geradora de prescrições, mas também a tarefa de dar visibilidade às explicações absolutas que, uma vez distantes do contexto em que foram inventadas, já não suscitam mais questões e tendem a uma perigosa naturalização. É possível considerar, então, que ao acionar as problematizações, atribuindo-lhes um lugar de preponderância, as pesquisas qualitativas podem tomar contornos de um exercício político que busca acompanhar e produzir transformações nessa complexa rede de encontros sociais que compõe a vida em sociedade.

Quando as problematizações ganham contornos de resistência

Se, como visto no decorrer deste estudo, não cabe às pesquisas qualitativas a primazia das respostas prontas, das certezas ou das generalizações aplicativas, quais as contribuições que ela traz para a produção de conhecimento? É precisamente por seu caráter questionador que esse tipo de pesquisa se configura como uma prática capaz de produzir outros ângulos de análise por meio dos quais o vivido pode ser compreendido e também inventado, envolvendo nessa produção múltiplos agentes. Nesse sentido, Deleuze alerta para a necessidade de

romper com um longo hábito de pensamento que nos faz considerar o problemático como uma categoria

subjetiva de nosso conhecimento, um momento empírico que marcaria somente a imperfeição de nossa conduta, a triste necessidade em que nos encontramos de não saber de antemão e que desapareceria com o saber adquirido. O problema pode muito bem ser recoberto pelas soluções, nem por isso ele deixa de subsistir na Idéia que o refere às suas condições e organiza a gênese das próprias soluções. Sem essa Idéia as soluções não teriam sentido (DELEUZE, 2000, p. 57).

É por implicar-se tanto com a produção de ideias quanto com a invenção dos modos de vida que esse tipo de pesquisa pode ganhar contornos políticos de resistência, uma vez que não admite o simples jogo das explicações totalizantes e nem sequer o aprisionamento da vida em conhecimentos absolutos a serem seguidos como regras gerais. Assim, a cada contato com os problemas analisados, novas questões ganham consistência e podem levar adiante aquela heteroprodução da qual falamos no início.

Como poderíamos compreender essa demanda pelas certezas sobre a vida em sociedade? É possível reconhecer aí dois tipos de riscos para a pesquisa qualitativa: por um lado, elas repõem as expectativas idealizadas de controle sobre a dimensão imprevisível da vida. Mas, por outro, essa demanda implica, em alguma medida, a desqualificação do próprio sujeito enquanto questionador, produtor de saberes e experimentador da vida. Esse saber do cotidiano configura-se, então, como uma das fontes das pesquisas qualitativas. Em um diálogo entre Deleuze e Foucault, o risco desta desqualificação fica bastante evidente. Diz Foucault:

os intelectuais descobriram que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a idéia de que eles são agentes da 'consciência' e do discurso também faz parte desse sistema (FOUCAULT, 1996, p. 71).

Aproximar-se da produção dos saberes que se constituem no cotidiano coloca o pesquisador mais próximo da vida como heteroprodução e lança-o no complexo jogo que comporta simultaneamente problemas, dúvidas, soluções parciais, bem como o abandono de convicções e análises preliminares. Nesse sentido, Deleuze ressalta:

as soluções não suprimem os problemas, mas aí encontram, ao contrário, as condições subsistentes sem as quais elas não teriam nenhum sentido, as respostas não suprimem de forma alguma a pergunta, nem a satisfazem e ela persiste através de todas as respostas. Há, pois, um aspecto pelo qual os problemas permanecem sem solução e a pergunta sem resposta (DELEUZE, 2000, p. 59).

A pesquisa qualitativa evidencia, assim, a possibilidade de acompanhar e criar novas formas de expressão para o problema que está em pauta em uma investigação. E, para fazer isso, é precioso que o pesquisador esteja à espreita dos sinais que são atualizados no campo problemático que se lhe apresenta. Nesse campo, muitos são os

elementos que o forçam a pensar, a questionar e a percorrer ângulos distintos de análise. É nesse sentido que uma pesquisa consolida-se como um exercício de aprendizagem ao mesmo tempo em que coloca em curso linhas de resistência àquilo que já é sabido.

Considerações finais

Se o sujeito se constitui no encontro com os dados e se estes não possuem sentido prévio, o movimento de constituição de si e do outro é gerado pelo próprio fato de sermos corpos vivos e em diferenciação. Pode-se dizer, portanto, que os conhecimentos produzidos sobre a vida estão longe de envolver um empreendimento simples. A vida é da ordem do problemático e, enquanto tal, não admite respostas definitivas. Isso nos lança no campo dos ensaios e das experimentações qualitativas. Nele, a produção de conhecimento tem valor à medida que pode ser usada, transformada, questionada, abandonada e/ou subvertida. Deleuze afirma de maneira insistente: “É por isso que uma teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional” (DELEUZE, In: FOUCAULT, 1996, p. 71). E, em seguida, complementa:

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para usá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou (DELEUZE, In: FOUCAULT, 1996, p. 71).

Cabe ainda dizer que nas pesquisas em psicologia social, colocam-se problemas nos quais desaparecem os limites entre sujeito e objeto, bem como a exigência

de neutralidade por parte do pesquisador. Em seu lugar, ganha espaço a violência do contato com o diferente e a problematização sobre as variações nos modos de existir que são colocadas em curso. O corpo sensível e implicado do pesquisador ganha relevância nesse tipo de investigação. Assim, pode-se dizer que toda produção de saber é atravessada por relações complexas de poder. Dar movimento a estas relações, ora atentando para as reversões precipitadas entre os agentes de poder, ora promovendo rupturas para com as verdades mais cristalizadas, ora, ainda, questionando os modos de viver que circulam num dado momento histórico são as maiores contribuições que podem advir desse tipo de pesquisa.

Nesse caso, podemos retomar aquela concepção de sujeito descrita no início deste trabalho: o sujeito se constitui nos dados da experiência e, dessa maneira, sua produção implica movimentos de diferenciação de si e do mundo. Tomando em consideração a ação das forças/dados que participam da produção de conhecimentos, cabe continuar questionando: quais elementos participam da produção de uma dada maneira de ser? Quais forças estão presentes nessa produção de práticas relacionais? Que tipo de saber é extraído daí e como ele é utilizado no cotidiano das relações sociais? Situando-se nesse campo problemático e resgatando os estudos realizados por Foucault, Orlandi assinala:

É nesse sentido que se pode dizer que Foucault ajuda a subverter a ontologia clássica, pois, em vez da primazia do verbo ser, uma pluralidade de outros verbos se impõe através da pergunta por essas práticas; assim, uma outra ontologia vem à tona, uma ontologia histórica de nós mesmos, que se interessa pelas condições

concretas que nos constituem. Donde a pergunta igualmente crítica e autocrítica: sendo nossa interioridade, ou melhor, nosso dentro, um complexo de dobras e redobras do fora, que estamos ajudando a fazer de nós mesmos em meio às redes de saberes e poderes que ao mesmo tempo nos constituem? Como se nota, não se trata apenas de constatar uma heteroconstituição de nós mesmos, mas de sondar e viabilizar resistências e saídas no próprio campo dos condicionantes, das múltiplas conexões que nos enredam. Como o corpo é capturado em redes de saberes e poderes, como ele é enredado nos jogos das forças, trata-se de sondar a complexidade aí embutida (ORLANDI, 2007, p. 89).

O campo das pesquisas qualitativas implica movimentos de produção e de sondagem. Com suas respostas parciais e circunstanciais, esse tipo de investigação oferece aos pesquisadores a oportunidade de manterem-se próximos da complexa de produção dos modos de vida e de relação. Como essa produção não é estática, Foucault mostra que “a teoria não totaliza” e, para ter algum valor prático, é importante que o pesquisador

mantenha-se distante dessa expectativa idealizada. Portanto, o que se pode dizer é que “a teoria se multiplica e multiplica” (FOUCAULT, 1996, p. 71) as maneiras de produzir conhecimento no campo qualitativo.

Referências

- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, G. **Empirismo e subjetividade**. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2001.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- KASTRUP, V. A Funcionalidade da atenção no trabalho do cartógrafo. Em: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2010.
- ORLANDI, L. B. L. **O questionamento como linha de fuga**. Texto apresentado na XIX Jornada Reichiana do Sedes. São Paulo, 2006.
- ORLANDI, L. B. L. Corporeidades em minidesfile. Em: **Revista Reichiana**. Nº. 16. São Paulo: Sedes Sapientiae, 2007.